



DL-01

Ses. Esp. 11/08/11

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Invocando a proteção de Deus, declaro aberta a presente sessão especial com a finalidade de fazer a entrega do Título de Cidadão Baiano ao Bispo D. André Witte, da autoria do ex-deputado Zilton Rocha, na qual estou como requerente.

Convido para compor a Mesa a Sr^a Presidente do Tribunal de Contas da Bahia, Conselheira Ridalva Figueiredo; Sr. Conselheiro do Tribunal de Contas, ex-deputado Zilton Rocha, autor da resolução; Reverendíssimo Sr. Bispo Auxiliar da Arquidiocese de Salvador, D. Gregório Paixão; prefeito da Cidade de Ruy Barbosa, Sr. José Bonifácio Marques; Reverendíssimo Sr. Dom Itamar Vian, Arcebispo da Província de Feira de Santana; Sr. Pe. Adenilton da cidade de Ruy Barbosa, representando a ACR; Reverendíssimo Sr. Pe. Benoni, de Inhambupe; Sr^a Diretora Executiva Sesi, Eliana Rolemberg; Reverendíssimo Sr. Pe. Luiz., Coordenador das Pastorais de Arquidiocese de Ruy Barbosa; Reverendíssimo Vigário Geral da Arquidiocese de Ruy Barbosa, Antônio Pintado; Sr. Coordenador de Projetos do SESI, Dimas Galvão.

Neste momento, solicito ao cerimonial conduzir a este recinto o Bispo Dom André Witte, homenageado no dia de hoje (Palmas).

Convido a todos para, de pé, ouvirmos o Hino do Estado da Bahia.

(Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Neste momento, quero registrar a presença das Paróquias de Santo Antônio, Senhora Santana de Ipirá, São Dom Bosco, Nossa Senhora da Conceição, Baixa Grande, Mundo Novo e de Ruy Barbosa.

Assistiremos agora a coreografia com a música *Alma Missionária e Solidariedade* com representantes da Diocese de Ruy Barbosa.

(Apresentação)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Quero ainda registrar as presenças do aspirante Ligivaldo, representando o coronel Heitor Leite, do Colégio Militar de Salvador; da Sr^a



Evanuzia de Jesus, secretária de Desenvolvimento Social do município de Macajuba, aqui representando o prefeito Luiz Tarciso; do diácono Genival, representando a Câmara de Vereadores do município de Ruy Barbosa; de Jean Lucas, ecônomo da Diocese de Ruy Barbosa; Sr. Haroldo, representante do IRPA de Juazeiro.

Saúdo também as presenças de associações urbanas e rurais; da Escola Família Agrícola; do CMDCA; da Cese; de sindicatos de trabalhadores rurais; da Sesab; do Colégio Estadual Professor Magalhães Neto. Quero ainda registrar a presença do presidente do PT do município de Ruy Barbosa, nosso companheiro Gildário Ribeiro.

Neste momento, convido para fazer uso da palavra o ex-deputado estadual deputado Zilton Rocha, hoje conselheiro do Tribunal de Contas do Estado, autor da proposição. Meu ex-colega como deputado desta Casa e como educador, é com muita satisfação que posso participar deste ato hoje, dando continuidade ao trabalho desenvolvido nesta Casa sob a sua orientação, quando contei, acima de tudo, com a sua sensibilidade e o seu compromisso com o Parlamento e com a sociedade baiana.

Este momento é ímpar para todas as nossas vidas e de destaque também para esta Casa Legislativa e - por que não dizer? - as comunidades aqui presentes.

Com a palavra o conselheiro Zilton Rocha.



1432-I

Ses. Esp. 11/08/11

Or. Zilton Rocha

Título de Cidadão Baiano ao Bispo Dom André de Witte.

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Com a palavra Zilton Rocha.

O Sr. ZILTON ROCHA:- Sr. Deputado Bira Corôa, que preside esta sessão e, para minha honra, endossou o requerimento aprovado em 12 de dezembro de 2007 hoje proporcionando a possibilidade desta grande sessão cívica, religiosa e humana para dar este título a D. André; Sr^a Presidente do Tribunal do qual faço parte, Conselheira Ridalva Figueiredo; Reverendíssimo Sr. Bispo Auxiliar da Arquidiocese de Salvador, D. Gregório Paixão; prefeito da cidade de Ruy Barbosa, Bonifácio; Reverendíssimo Sr. D. Itamar Viana - para quem não sabe, uma das pessoas que mais contribuíram para que a água na Bahia não se tornasse um bem privado, continuasse sendo um direito do cidadão e uma responsabilidade do poder público; Sr. Padre Adenilton, Sr. Padre Benoni, de Inhambupe; Sr^a Diretora Executiva da Cese, Coordenadoria Ecumênica de Serviço, Eliana Rolemberg; Reverendíssimo Padre Luiz, coordenador das Pastorais da Diocese de Ruy Barbosa; Reverendíssimo Vigário-Geral da Diocese de Ruy Barbosa e representante das Pastorais, Antônio Pintado; Sr. Coordenador de Projeto da Cese, Dimas Galvão; Reverendíssimo Sr. Bispo D. André Witte, o nosso grande homenageado, antes, em nome de Gildásio, Vanúsia e Julita Pintadas, quero cumprimentar os que estão na plateia e todas as representações que prestigiam esta sessão neste instante.

Ao fazermos a indicação, que é de praxe, fazemos também um pouco da biografia do homenageado. Primeiro, peço permissão - porque não é longa - para ler um pouco a biografia de D. André. E começo lendo um pensamento da poetisa mineira Adélia Prado, que diz:

(Lê) *“Minha mãe achava estudo a coisa mais fina do mundo. Não é. A coisa mais fina do mundo é o sentimento. Aquele dia de noite, o pai fazendo serão, ela falou comigo: 'Coitado, até essa hora no serviço pesado'. Arrumou pão e café, deixou tacho no fogo com água quente. Não me falou em amor. Essa palavra de luxo.”*



Volto a esse texto, mas quero agora ir adiante.

(Lê) André Marie Gerard Camilla de Witte nasceu no dia 31/12/1944 em Scheldewindeke - Bélgica. Filho dos lavradores Armand de Witte e Agnes Delbeke, cresceu em uma casa com cinco irmãos. Em 1962 entrou no Seminário Colégio para América Latina na cidade universitária belga de Lovaina, capital da província de Brabante Flamengo. Bacharelou-se em Filosofia (1964) e em Teologia (1968) pelo Instituto Superior de Filosofia de Lovaina.

Pôde usufruir do privilégio de estudar em uma das mais tradicionais universidades da Europa: a Universidade Católica de Lavaina (onde estudou) fundada em 1425. A universidade em que Dom André estudou, foi antes de os portugueses chegarem ao Brasil.

Ordenou-se sacerdote na Igreja Decanal de Oosterzele, na Diocese de Gent no ano de 1968. De 1973 a 1975 exerce a função de Vigário Cooperador de Zwijndrecht, ainda na Diocese de Gent.

Chega ao Brasil em 1976 para exercer suas atividades sacerdotais na Diocese de Alagoinhas. Naquele mesmo ano estagia com a equipe da Pastoral Rural e na Paróquia de Teodoro Sampaio. Também em 1976 assume a função de Vigário Paroquial de Inhambupe e membro da Pastoral Rural. De 1981 a 1988 coordena a Pastoral Rural. De 1985 a 1988 administrou a Paróquia de Ribeira do Amparo e Helionópolis. Em 1985 torna-se Vigário Episcopal para a Zonal do Sertão. Em 1992 torna-se Diretor Espiritual do Seminário D. José Cornelis em Salvador. Naquele mesmo ano assume o Vigário Geral da Diocese de Alagoinhas. O ano de 1994 é marcado pela sua nomeação como Bispo de Ruy Barbosa. Era o papa João Paulo II que reconhecia o seu trabalho e o escolheu para a árdua tarefa de substituir D. Mathias Schmidt, falecido em 1992. Naquele ano ocorre a sua Ordenação Episcopal em Inhambupe, pelas mãos de D. Lucas Moreira Neves e o início da sua missão em Ruy Barbosa. De lá para cá foi nomeado Bispo representante da Juventude, Bispo que acompanha a Comissão Pastoral da Terra e da Água, Presidente do Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada, Presidente do Serviço Pastoral dos Migrantes e



finalmente, em 2006, Secretário e representante da Igreja Católica na Coordenadoria Ecumênica de Serviços - CESE.

Dom André de Witte ou simplesmente Dom André, como seus amigos o chamam, tornou-se ao longo deste longos anos em que viveu em nosso Estado, um parceiro indispensável das organizações não governamentais e do povo do Semiárido baiano.

Ao longo destes anos D. André forjou a sua atuação sacerdotal na busca pela melhoria de vida do povo sertão baiano. Foi fundamental na estruturação da Diocese de Ruy Barbosa, aproximando-a da sociedade civil organizada, das universidades, dos trabalhadores e das trabalhadoras do campo e da cidade. Estimulou a elaboração de projetos de geração de emprego e renda, projetos educacionais e ainda projetos ambientais em toda a região.

D. André é um sacerdote que vivencia e conhece de perto a realidade do povo que agora verdadeiramente seu. D. André ama a humanidade e sabe, como a personagem de Adélia Prado, que a coisa mais fina do mundo é o sentimento. E nutriu-se do sentimento de amor durante toda a sua atividade sacerdotal para edificar-se na difícil tarefa de ajudar a devolver a dignidade que furtaram de seu povo. E com esse amor buscou implementar experiências e projetos que ajudam o sertanejo a conviver com a seca, marca indelével de sua atuação sacerdotal.

A Bahia, em especial as camadas menos abastadas de nossa população, deve-lhe gratidão por sua dedicação à transformação social de nosso Estado e sua inabalável crença no ser humano. E por esse motivo, requeiro, como último ato- foi o que eu fiz dia 12, tomei posse no Tribunal dia 13-, em nosso Estado, a aprovação, pelos meus pares, da presente proposição, como um gesto de reconhecimento da sua importância para a história do nosso povo. Que a Assembleia Legislativa da Bahia reconheça a condição de baiano que, de fato, Dom André já adquiriu.” (Palmas!)

Esse foi o texto. Vou pedir a paciência dos senhores por mais um minutinho para dizer agora, além do que está escrito, algumas coisas que me impressionaram em Dom André como ser humano, para além do específico do seu trabalho religioso.



Não sou uma pessoa ligada a nenhuma religião, mas a grandeza de pessoas humanas como Dom André não pode ser obscurecida em lugar nenhum. Eu diria para os senhores que a coisa que mais me impressionou em Dom André foi a humildade.

Dom Itamar, participei, junto com Dom André, fizemos parceria, eu era presidente da Comissão de Meio Ambiente da Assembleia Legislativa desta Casa, e nós fizemos um seminário trazendo representação do Ministério do Meio Ambiente no sertão, nunca tinha visto uma figura vinda de Brasília, de um Ministério. Nós fizemos uma parceria, e lá tem o CTL - Centro de Treinamento de Líderes, e com os recursos minguados daqui, dali, conseguimos alojar pessoas de vários municípios.

O fato preponderante principal que eu queria narrar, eu e Dom André ficamos lá o dia inteiro, e ele tem uma coisa que as pessoas, muitas vezes, negligenciam, a capacidade de ouvir. Dom André, do alto da sua condição de Bispo, a maior autoridade ali presente, a pessoa a quem todos se dirigiam com muita reverência, com muito respeito e carinho, e Dom André ouviu, no sábado inteiro, as experiências das camponesas e dos camponeses, e quando pedia para intervir era quase pedindo licença. Duas ou três vezes ele interveio dando uma pequena contribuição.

Ele não foi aquele tipo de autoridade que vimos por aí, embora, às vezes até reconhecemos que existem circunstâncias que exigem mesmo, mas Dom André não é aquele que abre a reunião e não sabe o que o povo disse. Ele ficou lá o dia inteiro escutando as agruras, as angústias e, sobretudo, as coisas grandes que as comunidades criavam e, certamente, continuam criando.

Tem outro fato, Dom André, que me marcou naquele dia, que foi a experiência que, se não me engano, foi contada por professoras de Várzea da Roça. Elas levaram as crianças, você que é de Biologia, Bira, para conhecer o lixo e sua trajetória. O destino do lixo que sai das nossas casas.

Saíram com as crianças e viram que chegava numa fase intermediária, em algum *contêiner* ou algum espaço da cidade escolhido para jogar o lixo, dali vinha a carroça, pegava, ia para o lixão; e foram mapeando o lixo, Eliana, o que deu um quiproquó na Câmara de Vereadores.



Disseram que elas eram irresponsáveis, que as professoras estavam colocando os meninos para entrarem em contato com o lixo, e houve muitas sessões de discussão. Até fiquei admirado porque, pelo que deu para apreender, o prefeito não recuou, deixou que a experiência das professoras com suas crianças fosse avante.

As crianças começaram a entender que não deveria haver lugar de intermediação do lixo, enquanto aguarda, perto de hospital, e começaram a criar essa situação. As professoras explicaram que ali era uma fonte de contaminação. Mas se as pessoas quiserem jogar o lixo fora, joga onde? Não tem onde. Criou o caso e a prefeitura botou as cestas de recolhimento em vários pontos.

Bom, não quero me prolongar. A coisa mais interessante foi no dia da culminância da experiência das crianças com suas professoras, dentro da Câmara, com os vereadores pedindo desculpas por terem feito o que fizeram. As crianças conseguiram deslocar os locais inadequados de colocar o lixo e fizeram com que se pusessem coletores de lixo na cidade.

Isso é para quem não acha, ou para quem não acredita que a educação, se feita de forma paulofreireana, miltonsantiana e nos moldes do nosso grande Anísio Teixeira, só para citar alguns brasileiros. Se as pessoas permitirem que as crianças e adolescentes sejam sujeitos da sua aprendizagem, a educação pode transformar não só as pessoas, como, às vezes, hábitos das comunidades. Peço que Vossa Reverendíssima, na sua fala, dê um pouco de enfoque a este assunto, comparando a educação das crianças belgas com as crianças brasileiras.

Hoje, uma das minhas preocupações, já nesta quadra da vida, é ver como a escola brasileira continua tão obsoleta, tão defasada no tempo. Ainda querem que uma criança, num momento de vida tão dinâmico como o que vivemos, em que há fontes diversas de informação, continue pregada numa carteira de 7 às 12 horas ou de 13 às 18 horas sem usar, como essas adolescentes, essas jovens usaram, aqui, a expressão do seu corpo e da sua voz.

A escola, em algum momento, teve mais, até canto orfeônico. Eu cheguei a ser ator representando Shakespeare, na minha cidade, ao modo de uma criança, porque ali eu não estava sendo ator, mas usando o direito que uma criança tem de participar dentro da escola da linguagem oral, da expressão corporal e etc. Ou recuperamos isso, ou ficaremos amargando a



situação em que os jovens detestam as escolas; mas não são eles que as detestam, a questão é que as nossas escolas não são lugares apazíveis, atrativos para as crianças, com arte de toda espécie, com esporte e interação de toda forma.

Esse é um lado de Dom André que fascina, ver uma pessoa que veio de tão longe, onde os problemas elementares já foram resolvidos, integrar-se em comunidades como as nossas, a exemplo de Alagoinhas, Inhambupe e de Ruy Barbosa, e entregar-se de fato. Ele não veio para fazer de conta, veio para ficar e para contribuir.

O outro aspecto foi a solidariedade. No momento em que a Câmara de Vereadores de Pintadas negava fazer a suplementação do orçamento para que a prefeita Neusa pudesse tocar a vida do município. O dinheiro estava no banco, mas no hospital faltava comida e nas escolas faltava merenda, e Dom André estava lá assinando, porque ele ocupava uma dessas coordenações, como eu disse, em solidariedade, e não por uma politiquice ou por uma politicagem, mas por respeito. Se o dinheiro estava no banco, porque a Câmara não permitia que ele fosse usado em favor da população?

Outros aspectos. Onde eu encontrava Dom André? Em cima de palcos junto com as trabalhadoras rurais que lutam por terra, com os trabalhadores e com os pequenos agricultores. No dia 25 de julho, em Ruy Barbosa, chovendo, e Dom André estava conosco, solidário, convivendo com o seu povo.

Portanto, pelo que eu li e pelo depoimento que, modestamente, estou tentando traduzir sobre a personalidade, sobre o papel que Dom André, saindo de lá da Europa, lá da Bélgica, desempenha para as sertanejas e sertanejos, vocês todos – tenho certeza – concordam que este é um dos títulos mais justos que esta Assembleia Legislativa pode proporcionar. Dom André já é baiano. O que estamos fazendo é um gesto simbólico de reconhecimento.

(Palmas)

Dom André já é incorporado no espírito e na alma do povo sertanejo. Ele até brincava ali, dizendo que baiano é um povo tão aberto, afável em todos os momentos de sua alegria, receptividade, etc. Dom André veio enriquecer essas características nossas.



Eu dei poucos títulos. Na Câmara, dei um a João Pequeno de Pastinha, que foi um dos herdeiros de um daqueles mestres da capoeira, no dia em que ele fez 80 anos. Ele foi um homem que recebeu vários títulos pelo mundo afora. Título de *Doutor Honoris Causa*, de reconhecimento, por desenvolver a capoeira para tirar as crianças das ruas. Dei mais um título a uma professora catarinense que vive na Bahia. Foram três, quatro ou cinco e, agora, Dom André. Não fui uma pessoa de sair distribuindo títulos.

Eu queria dar um título como este, irrefutável e indiscutível. Aqui não há nenhum favor, nenhuma tentativa de benesse. Dom André não recebeu título para, depois, fazer. Ele fez e nós estamos reconhecendo. É por isso que vou, novamente, ler o fragmento do poema de Adélia Prado. O nome é Ensino.

Minha mãe achava estudo a coisa mais fina do mundo.

Não é.

A coisa mais fina do mundo é o sentimento.

Aquele dia de noite, o pai fazendo serão, ele falou comigo:

“Coitado, até essa hora no serviço pesado”.

Arrumou pão e café, deixou tacho no fogo com água quente.

Não me falou em amor.

Essa palavra de luxo.

Adélia Prado

Não precisa falar de amor. Dom André, possivelmente, não precisa estar dizendo a ninguém que ama. Ele demonstra que ama. Ele age com gestos, por ações, abraços, por solidariedade, por estar no momento certo numa hora difícil. É assim que se prova amor, e não através de discurso, tornando uma palavra de luxo. É isso que penso e é isso que acho. É este o meu sentimento por Vossa Reverendíssima, Dom André.

Eu diria que a honra maior é minha de ter podido, junto com o deputado Bira Corôa, dar a V.Ex^a esse título para que a Bahia saiba, através dos Anais desta Casa, que um homem saiu da Bélgica para vir proporcionar amor, solidariedade e carinho a um povo sofrido, mas que tem também um coração muito grande.

Muito obrigado. (Palmas)



ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DA BAHIA

DIVISÃO DE TAQUIGRAFIA

(Não foi revisto pelo orador.)



DL-02

Ses. Esp. 11/08/11

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Ex-deputado e conselheiro Zilton Rocha, sem dúvida alguma, esta Casa tem, ao longo da sua história, registrado em seus Anais diversos Títulos de Cidadania Baiana sendo reconhecido nesta Casa.

Mas não se pode negar que o título hoje entregue a Dom André é muito mais do que a identificação de um baiano. É, sem dúvida alguma, o reconhecimento de alguém que foi capaz de trocar a sua origem, de abrir mão dos seus laços familiares e de amizade, de despertar para cumprir uma tarefa e, acima de tudo, de amor, fraternidade em prol de uma sociedade distante, mas uma sociedade que expressava e ainda expressa as suas necessidades, sua carências e que, com dignidade, com respeito pôde consolidar, em solo baiano, um trabalho de muita perspicácia e consistência, que se reflete em Alagoinhas, Ruy Barbosa e em muitos outros municípios que poderíamos listar. E isso está caracterizado e simbolizado pela presença de todos e de todas nesta tarde.

Trouxe da Bélgica a sua experiência e as suas vivências para o homem e a mulher do campo a fim de incuti-las e, ao mesmo tempo, exercitá-las no sertão do nosso Estado. São experiências revolucionárias na capacidade de organização e de sobrevivência do nosso povo, de conduzir frentes de lutas, hastear bandeiras e, simultaneamente, ouvir e conduzir lamentos. E acima de tudo consolidar sonhos com esperança, fé e crença. Muitos sonhos que poderíamos citar aqui, que deixaram de ser sonhos e tornaram-se realidade na vida de muitas de nossas comunidades, a exemplo da Escola Família Agrícola e de uma série de atividades que ao longo dessa passagem em nosso Estado têm sido consolidados através de D. André.

Por isso, quando recebi a tarefa de promover esta audiência, nobre conselheiro Zilton Rocha, abracei com muita satisfação e com muita disposição, porque, seguindo seu exemplo nesta Casa, sempre questioneei a indicação de títulos de cidadania. Respeito todos os concedidos, mas sempre defendi que um título de cidadania é uma conquista, é o reconhecimento de um trabalho desenvolvido no contexto de nossa sociedade, principalmente quando ele é para a consolidação de uma sociedade mais justa e mais



igualitária, quando se tem como propósito quebrar as desigualdades e promover, acima de tudo, o bem-estar, a melhoria da qualidade de vida de nossas comunidades.

A afirmação da cidadania se dá a partir dos gestos mais simples, mas esteios de alta sustentação que são implementados ao longo de nossas vidas. Então, nesta Casa, só indiquei um título em 5 anos de mandato, assim como o senhor. Em dois mandatos como vereador do município de Camaçari, eu propus dois títulos. Hoje, abraço esse título e lhe agradeço, conselheiro Zilton, muito pela parceria, até porque, sem dúvida alguma, eu o proporia com muita satisfação. Por isso o dia de hoje é especial para esta Casa e para todos nós.

E aproveito para apresentar o registro oficial da Câmara Municipal de Ruy Barbosa parabenizando o bispo D. André pelo Título de Cidadania recebido nesta Casa hoje, sob a representação do diácono Genival de Jesus Araújo, que traz todos os cumprimentos daquela egrégia Casa Legislativa. Esta mensagem está assinada pelo presidente Ariosvaldo Sampaio Lira.

Para não me emocionar mais nem me alongar, passo a palavra ao prefeito da cidade de Ruy Barbosa, José Bonifácio. (Palmas)



1433-I

Ses. Esp. 11/08/11

Or. José Bonifácio

Título de Cidadão Baiano ao Bispo Dom André de Witte.

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Para não me emocionar mais e não me alongar, quero neste momento passar a palavra ao prefeito da cidade de Ruy Barbosa, José Bonifácio.

O Sr. JOSÉ BONIFÁCIO:- É um prazer imenso estar aqui, neste momento, para homenagear essa pessoa. Zilton já lhe fez todos os elogios. Em nome do deputado Bira Corôa, juntamente com o ex-deputado e conselheiro Zilton Rocha, saúdo todos os componentes da Mesa. Não sei o que dizer mais, porque na verdade vocês que estão no Plenário participando desta sessão conhecem muito mais D. André do que eu. Tenho plena certeza disso, porque conviveram não só na Diocese de Ruy Barbosa como em Alagoinhas, Inhambupe, muito mais tempo do que temos convivido.

Para mim também é um prazer enorme ter em Ruy Barbosa alguém como D. André executando o trabalho, a parceria que vem fazendo, principalmente conosco da administração. A prova disso, Zilton, e da bondade, compreensão e do amor dele é que hoje Ruy Barbosa está realizando o sonho de várias pessoas. Sem dúvida, vai realizar ainda muito mais, posso dizer, com a doação do terreno que passou à prefeitura para que nele pudessem ser construídas algumas casas e uma creche. Mas muitas outras obras serão construídas nessa área. Tivemos a aquiescência, a humildade, a simpatia e, acima de tudo, o amor quando fizemos a proposição para que ela fosse destinada a atender pessoas carentes do município. Graças a Deus, as casas estão em pleno andamento, bem como a creche. Com certeza, D. André, outras obras de grande relevância, de grande importância serão construídas naquele local que a igreja de forma pacífica nos cedeu.

Então, quero agradecer a presença de todos os munícipes dos municípios que aqui estão. E mesmo aos que não estão presentes, mas compõem a Diocese da nossa Ruy Barbosa. Na realidade, são 21 cidades. Com a nossa, 22. Agradeço realmente a todos que estão a participar deste ato e quero dizer mais uma vez que é uma honra muito grande, na qualidade de prefeito do município, estar na Assembleia neste instante. Os meus agradecimentos



igualmente a Bira e, em seu nome, a todos os deputados que fizeram e aprovaram esta proposição, porque Título de Cidadão é isto - foi dito por Bira e Zilton -: a pessoa na realidade tem de mostrar um serviço à comunidade para ser merecedora de tal honra.

Sabemos que D. André tem feito muito por todas essas comunidades, cidades, esses municípios em que ele trabalhou desde 1976 na Bahia. Então, a importância de tê-lo como irmão e conterrâneo é muito grande para todos nós baianos!

Muito obrigado. Boa-tarde e bom retorno a todos e todas!

(Não foi revisto pelo orador.)



1434-I

Ses. Esp. 11/08/11

Or. Padre Benoni

Título de Cidadão Baiano ao Bispo Dom André de Witte.

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Neste momento, convido o padre. Benoni para dar o seu testemunho.

O Sr. PADRE BENONI:- Saúdo o presidente da Mesa, deputado Bira Corôa, e em nome dele todos os seus outros membros, além de toda a plateia, agora em nome do padre Francisco, pároco.

(Lê) *“De 1964 até 1994 - durante 30 anos - podemos dizer que os nossos currículos eram praticamente iguais, apenas com uma diferença de 2 anos.*

Dom André se ordenou padre 2 anos depois de mim, começou a estudar Agronomia 2 anos depois de mim, assumiu a mesma paróquia 2 anos depois de mim e chegou ao Brasil 2 anos depois de mim, quando assumimos juntos durante 18 anos, a Paróquia de Inhambupe e a Pastoral Rural da Diocese de Alagoinhas. Podemos destacar pelo menos 3 características que tínhamos em comum: a vocação de padre, uma resposta positiva ao apelo do Papa para se colocar a serviço da Igreja na América Latina e, como filhos de agricultores familiares e ligando a fé com a vida, o interesse de desenvolver um trabalho social no meio rural. Antes de se falar em CPT ou MST, criamos a Pastoral Rural na Diocese de Alagoinhas.

Imaginem, no ano de 1974, havia apenas um sindicato de trabalhadores rurais em toda a Diocese de Alagoinhas, um em Mata de São João. Começamos um trabalho de conscientização - que ainda era suspeito naquela época - que resultou na fundação de vários sindicatos, associações, uma Escola Família Agrícola, que por sua vez fundou a Coopera, a Cooperativa Agropecuária da região de Alagoinhas, que por sua vez, criou a Credite (Cooperativa de Crédito), sem esquecer o trabalho da PJR, Pastoral da Juventude Rural, e o MMTR, Movimento das Mulheres Trabalhadoras Rurais, das quais vocês vão poder apreciar uma apresentação daqui a pouco.



Houve também a luta contra o reflorestamento que evitou a instalação de uma fábrica de celulose na região da praia de Porto Sauípe e assim pelo menos freou um pouco essa invasão, pois corríamos o perigo de sermos obrigados a comer eucalipto em vez de mandioca, milho e feijão.

A Pastoral Rural, com sua equipe jurídica, entre outras orientações, dava assistência a vários casos de grilagem e está também na origem de 2 assentamentos, um em Biritinga e outro em Sátiro Dias.

Este ano, no dia 26 de julho, celebramos a 33ª Jornada dos Lavradores, dessa vez em Nova Soure. Quero mencionar também o trabalho conjunto com as Pastorais Rurais das dioceses de Paulo Afonso e Amargosa. Da parte de Paulo Afonso quem carregava o andor eram o saudoso Dom Mário Zanetta e a comandante irmã Gabriela, que tinha Fátima Nunes como co-mandante. Da parte de Amargosa era o padre Esmeraldo, hoje, bispo de Santarém no Pará.

Era interessante como se conseguia a mobilização de uma vasta região. Cito apenas dois exemplos: a luta da Previdência com a audiência, com o ministro Valdir Pires e a entrega de pacotes de abaixo-assinados e a histórica luta da semente, com a ocupação da Conab no governo de João Durval, e com o apoio de Dom Avelar, a conquista das sementes que, como era de costume iam ser entregue aos políticos.”

E, agora, com a presença de Dona Ridalva Figueiredo, me lembrei de um outro trabalho, uma frente de trabalho comigo fazendo comissão, em nível estadual, e Dom André lutando em Inhambupe. Ela era secretária dessa comissão que tinha Paulo Souto como presidente.

Há algum tempo, quando encontrei com Paulo Souto, disse que, naquele tempo, nós trabalhávamos sério. Temos testemunhas de que era um trabalho sério.

(Lê) “Com os seus 35 anos na Bahia o Dom André se tornou mais baiano do que belga pois lá ficou apenas 32 anos. Acho bonita e gratificante esta tão calorosa hospitalidade baiana. Desde os primeiros dias nós "gringos" nos sentimos acolhidos e valorizados. É agradável sentir a paciência do povo para escutar e tentar entender a nossa



língua enrolada. Na Bélgica um estrangeiro se tornar bispo ou, como no meu caso, se tornar prefeito, nem pensar.

No Brasil, e especialmente na Bahia isto é possível por existir esta cultura aberta para todas as forças que colaboram para a construção de uma nova sociedade, pluralista, cosmopolítica, independente de origem; língua, raça e cor. O fato que um carioca se torna governador da Bahia é apenas um exemplo que a Bahia não está mais presa a forças oligárquicas. Todo mundo que chega na Bahia não quer mais sair e quem é obrigado a sair, por um ou outro motivo, fica com saudades e se lembrando desta passagem como o tempo mais feliz de sua vida.

Não vou começar a exagerar e dizer que a Bahia já é o paraíso mas está a caminho: pouco a pouco, de passo em passo, de conquista em conquista esta-se construindo este mundo novo, este reino de Deus aqui na terra.

Dom André já se engajou nesta luta de corpo e alma durante 34 anos; investiu toda a sua fora da juventude e de adulto nisto.

Muito obrigado, Dom André, e saiba que neste trabalho não existe aposentadoria mas luta-se até o fim. desejo-lhe ainda mais 34 anos para completar exatamente os 100.

Assim seja! Amém.”

(Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)



1435-I

Ses. Esp. 11/08/11

Or. Padre Adenilton

Título de Cidadão Baiano ao Bispo Dom André de Witte.

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Quero registrar a presença de Wilson Paulista, da Executiva Estadual do Partido dos Trabalhadores; quero registrar que as deputadas Neusa Cadore e Fátima Nunes comunicaram a disposição e a vontade de poderem participar deste evento, porém, como tarefa do Legislativo, estão cumprindo uma atividade fora da Casa e não puderam chegar ao recinto, estão cumprindo uma jornada de políticas afirmativas para as mulheres do nosso Estado. Aproveitamos para registrar aqui o abraço e os votos de felicidades que encaminharam para Dom André.

Quero também registrar que os deputados Yulo Oiticica e Joseildo Ramos em igual condição também não puderam participar do evento, mas encaminharam os votos de felicitações por este momento e reafirmaram a satisfação de o senhor hoje estar sendo reconhecido como cidadão baiano.

Quero registrar a presença do ex-deputado estadual desta Casa e hoje superintendente legislativo Isaac Cunha; quero registrar a presença do nobre deputado estadual desta Casa Aderbal Caldas; quero registrar também a presença do Sr. Marcos Carvalho Costa, da Base Naval de Aratu, aqui representando o comandante; quero registrar também a presença da Sr^a Maria Inês, secretária executiva da CNBB.

(Palmas)

Dando continuidade, quero, neste momento, passar a palavra, para o testemunho, ao padre Adenilton.

O Sr. PADRE ADENILTON:- Quero saudar a Mesa na pessoa de Eliane, companheira e diretora de projetos da Cese; o Plenário na pessoa da animadora de comunidades na área religiosa - tem muitos anos também -, a Miriam, da comunidade da Palha; e na pessoa de Haroldo, que veio de tão longe, lá de Juazeiro, saúdo também este Plenário e todos os movimentos sociais aqui presentes ou representados. Estamos inclusive quebrando o protocolo. Na verdade, até isso está acontecendo, D. André, já que normalmente



só fala quem propõe e aquele que é homenageado. Então tivemos os pronunciamentos de Bonifácio, Benoni e agora o meu.

Na realidade, o primeiro contato que tive com o D. André foi justamente no Movimento de Animação Cristã no Meio Rural, criado aqui no Brasil pelo padre francês José Cervart, justamente quando estava no seminário em Pernambuco. E lá convivemos numa assembleia da ACR, Ação Católica Rural. Trocamos experiências. O André, com a experiência dele na Pastoral da Diocese de Alagoinhas. E tive novamente o privilégio de reencontrá-lo, justamente em 1994, quando ele foi assumir a Diocese de Ruy Barbosa. Tínhamos D. Matias e vivíamos uma preocupação muito grande: qual o bispo que vem para a nossa diocese? Os padres, as religiosas, os movimentos populares, os animadores de comunidades viviam essa preocupação. Mas a graça divina, o Espírito Santo e o Cristo Libertador nos mandaram D. André.

Em relação à convivência com ele, o que mais me marcou foi justamente o jeito que encontrei dele. E na assembleia de Pernambuco da ACR, mesmo como bispo, a exemplo do que disse Zilton, a simplicidade. Eu, do meu jeito, militante político, e D. André convivendo na mesma casa, partilhamos bons e grandes momentos.

Por isso, este título de que ele próprio não gosta. E me disse também. Mas lhe falei que é algo diferente. Este título é porque a sua pessoa vive a experiência dos que vivem neste sertão da Bahia. E nós - eu e o Benoni, inclusive - quebramos mais um protocolo para a Casa, porque somos padres casados. Não falaram isso, mas somos hoje padres casados.

Quero agradecer a Deus por estar aqui presente neste momento e pela experiência que tive junto com D. André, convivendo com ele na simplicidade e na liberdade de opção. Quando deixei o ministério para disputar a eleição da Prefeitura de Ruy Barbosa, em 1996, ele carinhosamente me deu a liberdade de fazer essa opção.

Muito obrigado a Deus, a todos e a todas que ao Plenário desta Assembleia vieram prestigiar este momento histórico e bonito para a Bahia e para toda a Diocese de Ruy Barbosa e Alagoinhas. (Palmas!)

(Não foi revisto pelo orador.)

**1436-I****Ses. Esp. 12/08/11****Ora. Neusa Cadore****Título de Cidadão Baiano ao Bispo Dom André de Witte.**

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Acabei de registrar as dificuldades que as deputadas Neusa Cadore e Fátima Nunes estavam tendo para chegar aqui, porque se encontravam em outra atividade. Mas vou mais uma vez quebrar o protocolo, porque também faz parte da nossa contribuição ao abrir mais um espaço nesta Casa. Então, concederei a palavra à deputada Neusa. E se a deputada Fátima também quiser, pelo menos com um pequeno depoimento.

A Srª NEUSA CADORE:- Boa tarde a todos e a todas, quero saudar a Mesa, o deputado Bira Corôa na condição de presidente, saudar o ex-deputado Zilton Rocha, com muita saudade, saudar os demais componentes da Mesa saudando com muita satisfação o nosso pastor e nosso bispo Dom André. Sou paroquiana da diocese de Dom André e quero dizer que muita gente gostaria de estar aqui hoje, com certeza.

Sou deputada hoje e quero falar, em nome do povo, dizendo que cheguei em Pintadas e talvez estou aqui hoje porque cheguei na diocese de Ruy Barbosa, e cheguei num tempo que do lado do povo só tinha a igreja. A igreja que tinha o apoio concreto na luta pela formação das comunidades, na luta pela formação das pessoas e nos ensinou, aprendi muito na Bahia, aprendi muito na diocese de Ruy Barbosa, muito com o nosso saudoso Dom Matias que morreu aos 61 anos, com os padres, com as irmãs, com os leigos, com tantas lideranças leigas. E a primeira que me impressionou, no primeiro dia que cheguei em Pintadas, foi quando participei de uma reunião do conselho pastoral onde as pessoas, aqui muitos devem saber do que estou falando, era ali que sentávamos com companheiros e ali podíamos falar da vida, porque a igreja nos ensinou, a igreja de Ruy Barbosa tinha essa missão muito clara: “Fé e Vida”. Eu aprendi a fazer política, “Política com P maiúsculo”, a política do bem comum, a política que cuida da vida, aprendi com a igreja, aprendi com as comunidades, aprendi com o povo.



Então, hoje, concedermos essa homenagem a Dom André, dizendo que é um irmão nosso, é um irmão de caminhada, é um pai, é um pastor que cuida e que ensina cidadania. Hoje, só recebe o Título de Cidadão, mas o senhor escolheu para viver aqui no Brasil e escolheu para morar na Bahia, foi escolhido na verdade, mas optou por ficar aqui. Mas quero dizer dessa sua posição, Dom André, foi muito importante e está sendo muito importante para o nosso povo mais humilde, o nosso povo da zona rural, o nosso povo dos pequenos municípios. Por muito tempo, como eu disse, a nossa única luz, o nosso único amparo, o nosso único abrigo era o espaço garantido pela igreja, tendo à frente bons pastores.

Então quero agradecer, pedir desculpas, estávamos num evento, Fátima e eu, às vezes é difícil escolher onde podemos estar, mas dizer que hoje com certeza agradecemos muito a Deus, primeiro, pela sua vida, pela sua dedicação e agradecemos ao senhor que nos dá esse testemunho de vida dedicada, de vida devotada a um povo que não é o seu povo de nascimento, mas o acolhemos, o abraçamos e dizemos que o seu testemunho é muito importante para todos nós. E até hoje, eu, Fátima e outros sabemos o quanto é bom podermos contar com essa caminhada, com esse testemunho, com o trabalho que continuamos vendo acontecendo no nosso interior e a igreja continua sendo na diocese de Ruy Barbosa, nossa grande inspiradora.

Muito obrigada, um grande abraço, Pintadas lhe abraça, a diocese de Ruy Barbosa lhe abraça e a Bahia também lhe abraça e lhe agradece com muito carinho. (Palmas)

(Não foi revisto pelo oradora.)



1437-I

Ses. Esp. 11/08/11

Or. Fátima Nunes

Título de Cidadão Baiano ao Bispo Dom André de Witte.

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Com a palavra a deputada Fátima Nunes, para um breve relato.

A Sr^a FÁTIMA NUNES:- Boa tarde a todos e a todas, uma saudação muito grande a todas as autoridades da Mesa, para reduzir o tempo não vou citar o nome de todos, mas parabenizar o ex-deputado Zilton Rocha, que teve essa brilhante iniciativa e o deputado Bira Corôa que foi muito feliz em escolher e oportunizar este momento do encontro de todos aqueles e aquelas que, ao longo dos anos, viveram e aprenderam muita coisa boa com Dom André.

Dom André, neste momento, vendo o senhor, o Benoni que é o nosso parceiro de Inhambupe, a gente lembra de tantas pessoas que deixaram a sua terra natal, a Itália, a Bélgica e vieram para o Brasil.

Então, queremos agradecer imensamente ao senhor que, certamente, quando veio motivou a tantos outros que vieram depois. E a chegada do senhor e de outros pastores compensamento revolucionário de transformação, de mostrar para o povo brasileiro que esta terra tão bela, tão rica, cheia de tanta fortuna, não podia conviver com tantas injustiças, porque o nosso Deus que é o Deus da vida, que é para nós a partilha, a participação de todos.

Então, essas lições transformaram, essas lições fizeram com que pudéssemos agir. O ver, o julgar, o agir da nossa metodologia, permitiu que hoje este Parlamento baiano fosse transformado.

Muitas vezes na Constituição Baiana, em 1989, quando fizemos aquele calhamaço de assinaturas para propor as emendas constitucionais para a Constituição Baiana, fomos aqui recebidos a pauladas, a dente de cachorro a tanta opressão para que não viéssemos para dentro do Plenário dizer que queríamos uma Bahia mais justa, mais igual, mais livre onde homens e mulheres tivessem a oportunidade de viver bem e de ser feliz.



Então,este Título de Cidadão para Dom André que antes era padre em Inhambupe e hoje é o bispo da diocese de Ruy Barbosa, carrega toda essa nossa história, toda essa nossa alegria de ter conquistado o espaço que a gente precisa no Brasil e na Bahia.

Certamente, o nosso Deus fica muito alegre. É verdade, que temos pecados, mas tenho certeza que o esforço, o empenho, o compartilhamento de todos nós serve para diminuir um tanto os pecados, não nosso, dos pequenos,mas, também, daqueles graúdos que por muitos anos meteram a taca e fizeram sofrer muita gente nossa.

Parabéns, conte sempre conosco. Eu disse ao nosso bispo, um dia: Dom Esmeraldo, agradeça a Deus a gente querer ser da política e querer continuar sendo de Deus. É um esforço,a gente não é santo, agora quando recebemos o apoio de pastores, de pessoas que estão sempre ligados a essa nossa reflexão de vida, a gente se fortalece e se encoraja para permanecer cada vez mais na caminhada.

Boa sorte, parabéns e muito obrigada por sua presença no Brasil. (Palmas.)

(Não foi revisto pela oradora.)



1438-I

Ses. Esp. 11/08/11

Or. Aderbal Fulco Caldas

Título de Cidadão Baiano ao Bispo Dom André de Witte.

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Com a palavra o deputado Aderbal Fulco Caldas.

O Sr. ADERBAL FULCO CALDAS:- Boa tarde a todos e a todas, quero saudar o presidente da sessão, deputado Bira Corôa, e o nosso ex-colega Zilton Rocha, e também parabenizá-los pela feliz iniciativa de propor a esta Casa o Título de Cidadania para o padre André.

Quero dizer que estou um tanto frustrado por não ter chegado em tempo hábil para participar desta sessão especial por todo o tempo. Estou sendo um pouco retardatário, por isso vou procurar ser breve para não tomar muito o tempo dos senhores e das senhoras.

Mas quero dar um testemunho, na medida em que conheci e acompanhei de perto o trabalho pastoral de D. André quando ele era padre do meu vizinho município de Inhambupe. Lá, ele e o meu querido amigo padre Benoni desenvolveram um trabalho admirável.

Quero dar este testemunho. Mas o testemunho maior tem dado o senhor no curso da sua vida como padre e hoje como bispo de Ruy Barbosa, cidade que tem o nome do maior defensor das liberdades e da democracia, como é também o perfil do senhor.

E quero dizer que, dos títulos que já foram concedidos por este Parlamento, este foi um dos mais justos e mais merecidos, porque a sua vida foi sempre pautada numa imitação, guardadas as devidas proporções, do Cristo, que sempre fez a opção pelos pequeninos, pelos mais pobres. O perfil da vida de D. André sempre foi o de ficar ao lado dos mais fracos, proporcionando, como Jesus recomenda, vida em abundância, que é vida com paz, com liberdade, com respeito aos semelhantes, dando voz e vez a todos.

Essa foi a opção e a prática de D. André. Eu diria que a sua vida, D. André, é um exemplo a ser seguido. Quero de maneira uníssona unir a minha voz à de todos que se manifestaram. Temos o orgulho de tê-lo como compatriota brasileiro e baiano, porque se o



senhor recebeu o Título de Cidadão Baiano também é brasileiro, porque o Brasil nasceu na Bahia.

E devo ainda dizer, D. André, que este título nos honra tanto quanto, ou mais, do que ao senhor, que o recebe. Parabenizo a quem teve a iniciativa, a todos que estão participando. E manifesto aqui o meu orgulho, a minha honra, a minha satisfação, a minha alegria de tê-lo como nosso conterrâneo.

Este Título, como já disse, nos honra tanto quanto ao senhor, que o recebe. Parabéns. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)



1439-I

Ses. Esp. 11/08/11

Or. Dom André De Witte

Título de Cidadão Baiano ao Bispo Dom André de Witte.

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Diante dos testemunhos. Vou até pedir desculpas à Mesa por causa do tempo, já que precisamos também dar o espaço necessário para que D. André possa contribuir com a sua fala. Mas, antes disso, convido o ex-deputado Zilton Rocha para, juntos, passarmos às mãos do bispo D. André Witte o Título de Cidadão Baiano, que é concedido pela Assembleia Legislativa do Estado da Bahia. Essa concessão, como já foi dito pelos deputados que se pronunciaram, nos honra muito.

Este título não é apenas mais um que o senhor recebe, mas sim o reconhecimento simbólico e fraterno de a partir de agora, D. André, tê-lo como conterrâneo.

O ex-deputado Zilton Rocha e atual conselheiro pode passar a D. André este reconhecimento.

(O conselheiro Zilton Rocha entrega o Título de Cidadão Baiano ao homenageado.) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Neste exato momento tenho a satisfação de passar a palavra ao nosso conterrâneo, o Bispo D. André Witte. (Palmas!)

O Sr. DOM ANDRÉ WITTE:- Na verdade, irmãos e irmãs, queria assim primeiro constatar, como eu estava sentado ao lado do deputado Bira Corôa, em quem a gente vê esta Assembleia Legislativa depois de ter visto e ouvido também outros deputados e deputadas, que estava no meio do Tribunal de Contas, entre a presidente e um conselheiro. Não sei que contas a gente está prestando. (Risos!) Depois temos a igreja, de um lado, dos padres casados. Do outro, de bispos e padres também missionários, dos missionários espanhóis. São fortes não somente no futebol, mas damos graças a Deus também pela presença deles no meio de nós, no seminário, na pastoral.

Estávamos então vendo entre os movimentos que existem, que lutam, alguns dos quais estamos mais perto, graças a Deus! Na Mesa a Cese, lá mais longe o IRPAA e certamente tem os outros, que foram falados em geral, como a Escola Família Agrícola, os



movimentos urbanos e rurais. Também penso na CPT, na Cáritas, em tanta gente presente organizadamente. Penso na conscientização e organização, no que tive a graça e a alegria de receber. Saúdo então todos os irmãos, irmãs e esta Mesa.

Fico muito feliz em ter recebido não somente mensagens e telefonemas, mas também a presença do metropolita da nossa província eclesiástica, D. Itamar, que, quando foi ordenado bispo, foi o metropolita que naquele momento era só de toda a Bahia, Salvador. E com a presença de D. Gregório, inclusive com a mensagem de D. Murilo, o atual arcebispo, a gente também fica muito feliz. Recebi igualmente uma comunicação da parte de D. Petrini e outros irmãos e irmãs. E assim certamente, como já foi lembrado, muitos gostariam de estar aqui, mas a todos quero saudar de coração, de coração mesmo, e agradecer esta oportunidade, o que ela representa.

Como o ex-deputado e conselheiro Zilton, tenho alguma coisa preparada. Ele mesmo pediu dizer uma coisa da educação, só uma: o privilégio que sinto por tudo que recebi, inclusive a educação, e um ponto que sonho ver acontecer também no Brasil: o ensino em tempo completo, nós estudarmos das 8 às 12 e 13h30min. às 16 horas e ainda recebermos tarefas de casa, tendo o dia inteiro dedicado e aproveitado. Acho que, pelo que vejo hoje - e tenho uma sobrinha que lida com criancinhas já na escola -, toda essa criatividade já está no povo baiano de nascença. Mas penso que lá tivemos essa oportunidade, e aqui também alguns certamente têm oportunidades, mas nem todos. Também há essa divisão, vamos dizer assim, a separação entre uns que têm mais condições do que outros. Mas a gente sonha que a luta vai nos levar até alcançar este sonho de vida e mais vida plena para todos.

Meu nome sempre estava dois anos na frente, agora o meu discurso não vai demorar dois anos não, já vou fazer logo (Risos).

Muitas coisas foram faladas sobre minha pessoa, minha caminhada, inclusive a motivação, a deputada Fátima Nunes falou do espírito revolucionário. Eu acho que o espírito do Evangelho é mesmo revolucionário, a gente veio com esta formação. Então, foi essa motivação que me trouxe ao Brasil, mais especificamente à Bahia. Na verdade, poderia acrescentar, nesses dois anos de Benoni na minha frente, o sonho era que ao menos a chegada ao Brasil fosse junto. Inclusive isto motivou, aliás, a tentativa de não ter que fazer, como ele,



dois anos de estágio pastoral na Bélgica. Mas ele, como eu, depois estudou também agronomia e pensava que isto ia ser suficiente. Não foi. Eu que tinha aprendido, no seminário, o castelhano, podia ir para 20 países, menos o Brasil. Se eu estou no Brasil, foi por esse motivo. A gente procurou um motivo a mais para acompanhar de vez, e a gente pensou, Benoni lembrou, temos o mesmo ideal, a mesma formação, somos a mesma diocese e poderíamos trabalhar em equipe.

Se o bispo de Alagoinhas – porque já estava combinado que ele viria para Alagoinhas –, mandar uma carta que precisa dos dois urgentemente, quem sabe a gente vai logo. Não funcionou, porque o bispo escreveu demais. Disse que seria o ideal, mas acrescentou que para o trabalho com os lavradores ainda não existia nada. Quer dizer, o argumento da pressa a gente perdeu. Por isso que eu fiquei na mesma paróquia dele, dois anos. Mas o que nós colocamos, com muito destaque, não era mentira, quer dizer, dois anos depois ainda valeu a intenção de trabalhar em equipe. Assim, eu vim para Alagoinhas (Palmas).

O conselheiro Zilton colocou também que o sentimento é mais importante. Veja a coincidência. Eu queria colocar, simplesmente, algo não só sobre o pensamento, mas sobre o sentimento que me acompanha, não somente nesse momento, mas o sentimento que me acompanha o fato de receber esse honroso Título de Cidadão Baiano.

Muitos sabem, já ouviram, que não gosto de títulos. Como eu completei 25 anos de padre, o meu bispo, Dom Jayme, em Alagoinhas, queria que eu recebesse o título de Monsenhor, e perguntou a Benoni: – O que você acha? André vai gostar? E Benoni, ironicamente, respondeu: – Ele vai gostar imensamente (Risos). E Dom Jayme pensava que era verdade (Risos). Mas eu fiquei sabendo e não aconteceu. Ele queria agradecer de coração toda a valorização do sacerdócio, que mais do que os padres que o exercem, e a valorização pessoal aí incluída. Mas com a minha convicção, que achava coerente com o Evangelho, preferi não receber aquele título.

Por outro lado, concordo com muitas coisas que a esse respeito aqui foram faladas. Cheguei da Bélgica para, como pedia o Santo Padre, ser solidário com os povos da América Latina, missionário “fidei do num”, é assim que somos chamados, a serviço pelo dom da fé.



Não demorei a experimentar, como tantos missionários e missionárias, que é verdade o que canta Padre Zezinho: "deixei meu lar, mas ganhei um povo!" Muitos sabem como gosto de responder a quem me pergunta de onde sou: "De coração sou da Bahia, mas nasci na Bélgica."

Além disto, sempre figurou entre as nossas prioridades diocesanas em Ruy Barbosa, a luta pela cidadania, o incentivo para que todos e todas sejam efetivamente membros vivos que participem ativamente na sociedade. Aliás, isto vale certamente em todos os países e não faz mais de uma semana, fui para a Bélgica, e voltei no domingo passado chamou minha atenção, nos aeroportos europeus e do Brasil, as filas diferentes para o controle dos passaportes de cidadãos e estrangeiros.

Ser cidadão parece mais que um título; no mínimo é um título bem particular, a expressão de uma pertença. O Povo da Bahia já prima pela sua acolhida e hospitalidade, como eu tenho a graça e a alegria de experimentar todos os dias, já durante 35 anos. Agora os seus representantes eleitos aprovaram a iniciativa de alguns dos seus pares, o ex-deputado Zilton Rocha hoje conselheiro, o deputado Bira Corôa aprovaram esta iniciativa em realizar esta Sessão Especial de outorga do Título de Cidadão Baiano a este missionário na Bahia, que sente uma gratidão imensa porque e desde quando, eleito e ordenado bispo, recebeu a plenitude do sacerdócio, a confiança da igreja e a honra de ser membro da CNBB. Agora digo também, sinto um certo constrangimento em não continuar como padre, colaborador de um bispo que é baiano, não somente de coração, mas de nascimento. Receber o título de Cidadão Baiano para mim é bem diferente de outros títulos como reverendo, monsenhor, excelência e que, no espírito do evangelho podemos dispensar e nos considerar e tratar como irmãos e irmãs, em Jesus, filhos do mesmo Pai. Por esta outorga do título de Cidadão Baiano me sinto acolhido e já foi expresso exatamente assim como co-cidadão nas fileiras do povo da Bahia; é verdadeiramente a honra, a alegria, a emoção de ganhar um povo!

Gosto que na Igreja, a gente pode ter esta simplicidade, de dizer irmãos e irmãs.

Muito obrigado ex-deputado e agora conselheiro Zilton Rocha e Deputado Bira Corôa e seus colaboradores, que trabalham nos bastidores mas que trabalham juntos. Muito



obrigado Deputado Marcelo Nilo, Presidente e Deputados e Deputadas, membros da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, que concordam.

Muito obrigado irmãos e irmãs.

Muito obrigado, querido povo da Bahia!

Muito obrigado Senhor do Bonfim!

E daqui para a frente?

Não pretendo mudar nada nas intenções nem na prática da caminhada no meu serviço de Bispo de Ruy Barbosa, mas espero sim, continuar motivado e inspirado por Jesus participando da construção de uma sociedade justa e solidária a serviço da vida, contando com o mesmo apoio, amizade e união aqui manifestados e espero continuar também sempre honrado por todo este povo bom que me acolhe como concidadão.

Muito obrigado irmãos e irmãs.

(Palmas).

(Não foi revisto pelo orador.)



DL-03

Ses. Esp. 11/08/11

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Neste momento, assistiremos à apresentação cultural do Baile Perfumado por ocasião dos 100 anos de Maria Bonita, uma produção do Movimento das Trabalhadoras Rurais da cidade de Inhambupe.

(Lê) *“Baile Perfumado*

Nas caatingas do sertão, no meio dos xique-xiques, dos mandacarus, dos cactos, da vegetação caatingueira, entre pedras, pedregulhos e espinhos, os cangaceiros realizavam as suas danças conhecidas como xaxado, bem como nas casas dos coiteiros pessoas que apoiavam. Eles criavam sua própria coreografia, suas músicas, entre elas, Acorda Maria Bonita, levanta pra tomar café. Olê muié rendeira, olê muié rendá.

Em 1936, foi filmada e fotografada por Benjamim Abarão a festa dos cangaceiros, conhecida como BAILE PERFUMADO ao som da sanfona.

Em 1929, com a entrada de Maria Bonita e outras mulheres no cangaço, o xaxado se tornou também uma dança feminina, uma dança de par.

Para comemorar os 100 anos de Maria Bonita, o MMTR de Inhambupe vai apresentar o Baile Perfumado Centenário de Maria Gomes de Oliveira, conhecida como Maria Bonita.

E para homenagear Dom André, que foi nosso padre muitos anos em Inhambupe, agora, bispo de Ruy Barbosa, que hoje recebe o Título de Cidadão Baiano, vamos reviver 08 de março de 1911 a 11 de agosto de 2011.

Para vocês, Baile Perfumado!

(Apresentação do grupo)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Não se pode deixar de registrar a força, a persistência e, acima de tudo, a capacidade da nossa cultura. Sem dúvida alguma, falar do campo é falar das nossas origens. Não se pode sequer pensar em se distanciar das nossas raízes culturais.



Quero agradecer aos dois grupos que abrilhantaram o evento de hoje mostrando as nossas raízes, reafirmando as nossas origens e assegurando a nossa identidade.

Sem dúvida alguma, as forças do campo e dos movimentos são capazes, acima de tudo, de apagar um pouco das nossas mágoas, de curar parte das nossas feridas, mas de permitir que a luta seja uma constante e que o sonho seja sempre presente, para que a gente possa, de fato, estar construindo a real transformação. Em ações transformadoras, revolucionárias, mesmo que pela força da fé, pela ação da pacificação, mas pela construção da transformação das mãos de homens e mulheres, pelas mentes e pelo compromisso, pela conduta ou condução de pastores, de líderes e pela força dos seguidores, a gente pôde estar em mais uma dia de nobreza, de afirmação da importância do Poder Legislativo para o contexto do nosso Estado. E belo e significativo é quando a gente tem a honra de construir e de afirmar mais uma cidadania e mais um contrerrâneo.

Dom André, por tudo que o senhor já pôde proporcionar à Bahia e que agora a Bahia de inteiro reconhecimento, através dessa indicativa do ex-deputado Zilton Rocha, pela cumplicidade de todos os pares desta Casa, pela disposição de todos e todas que se deslocaram de diversos pontos do nosso Estado, por muitas das cidades que o senhor já pôde participar e construir junto com essas comunidades – ações –, pelas autoridades religiosas ou não que compõem esta Mesa, quero dizer que é difícil encerrar um ato como esse.

Assim como todos já estávamos esperando mais um número do Movimento das Trabalhadoras Rurais da cidade de Inhambupe, queremos dizer que este Poder se sente muito honrado de hoje estar entregando em mão um título que não é desta Casa, mas que foi construído nesses 35 anos de permanência no solo baiano, sob a condução da transformação das comunidades do nosso Estado.

Em nome do Poder Legislativo do Estado da Bahia, agradeço a presença dos deputados, das autoridades civis e militares, das senhoras, dos senhores e das instituições sociais.

Declaro encerrada a sessão.